



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea  
Lua Cheia, Setembro de 2010, nº 131



Mirella Faur

## O mito de Deméter e Perséfone

*“Uma filha, jovem e muito amada, é raptada de perto da sua mãe por um poderoso governante, conhecido pelos seus atos malvados. A mãe desesperada sai à procura da filha e descobre que o rapto tinha resultado de um acordo entre o supremo chefe religioso e o raptor, sendo que o primeiro era o pai da jovem e o segundo, seu tio materno. Determinada a buscar justiça, com a revolta e a dor devastando sua vida, a mãe inicia um longo e eficiente protesto contra as autoridades, que resulta na volta da filha, traumatizada, mas viva e forte o suficiente para transmutar a sua dolorosa vivência, aceitar e cuidar do seu filho, concebido na escuridão da sua prisão.”*

Este relato - de um fato comum no nosso cotidiano atual - descreve a trama mítica de uma antiga história grega, que deu origem a um complexo ritualístico pagão, iniciado no segundo milênio a.C. e praticado durante pelo menos 1500 anos, até mesmo após o advento do cristianismo. A mãe descrita no drama era Deméter, a deusa dos grãos, cujas dádivas eram essenciais à sobrevivência humana; a filha era a donzela Kore, raptada por Hades, o Senhor do Mundo subterrâneo e que retornou como Perséfone, a “Rainha do Mundo dos Mortos”. O drama encenado e consagrado pelos “Mistérios Eleusínios” não representava apenas a felicidade do reencontro e a recuperação de uma mãe e filha após um trauma, mas a visão transcendental da morte e do renascimento, simbolizada pela volta de Perséfone do mundo subterrâneo e sua transformação em Brimo, “Senhora dos Mistérios”, grávida de Brimos, o filho da luz concebido na escuridão.

Para os povos antigos este mito era a vívida e real dramatização do conflito e da oposição entre vida e morte e sua conciliação final pela aceitação e transcendência. A Morte aparece como o raptor e violentador da vida, que irrompe de repente das profundezas do mundo escuro e desconhecido, arrancando e levando consigo não apenas velhos e doentes, mas também ceifando vidas jovens e promissoras. A dor e o desespero humano perante as perdas, são retratadas no luto e na revolta da Mãe Divina, que segue um caminho longo, difícil e tortuoso, saindo da raiva, do ódio e desespero para confronto, luta e a busca de uma solução, culminando com a aceitação e a transmutação das forças do caos e da morte pela iniciação nos Seus Mistérios. O mito das deusas Deméter e Perséfone, que deu origem aos Mistérios Eleusínios - celebrados por todos aqueles que falavam grego e não tinham cometido nenhum crime - preencheu uma universal e eterna necessidade humana: ultrapassar o terror perante a morte e nutrir a esperança no renascimento. A importância simbólica dos Mistérios foi resumida pelo poeta Homero nesta frase: “Feliz é aquele que dentre todos os homens venceu os Mistérios. Aqueles que não foram iniciados, nem deles participaram, não irão usufruir da mesma sorte quando vão morrer e mergulhar na tenebrosa escuridão”. O poder sagrado dos Mistérios era tanto, que os antigos gregos acreditavam que, sem a sua celebração anual, a vida iria se tornar insuportável e não apenas a Grécia, mas toda a humanidade iria sucumbir.

No início do mito, Kore, alegre e despreocupada estava colhendo flores, quando ficou atraída por uma estranha



flor (o narciso), sem saber que ela era consagrada a Zeus e Hades. De repente, Hades apareceu em sua carruagem preta saindo das entranhas da terra e a pegou à força, levando-a para seu reino, a fim de fazê-la sua consorte, sem buscar o consentimento dela ou da mãe. Ninguém ouviu os gritos de Kore além de Hécate, da sua gruta, e de Hélios, que tinha presenciado o rapto. Deméter, desesperada e sem saber o que tinha acontecido com Kore, saiu do Olimpo e iniciou uma busca incessante por ela, auxiliada por Hécate e perguntando a todos sobre seu paradeiro. Enrystecida e furiosa

por não achar sua amada filha, Deméter retirou suas dádivas e bênçãos da humanidade, o que levou à aridez da terra, à seca e à fome. Preocupado com a carestia dos humanos, que pararam de fazer seus sacrifícios e oferendas aos deuses, Zeus enviou Hélios para convencer Deméter a parar de chorar e se lamentar, aceitar Hades por ser um poderoso e rico genro (além de ser seu irmão), permitir à filha se tornar mulher e não mais mantê-la dependente de si. Apesar desta intimação, Deméter não aceitou ser coagida, pelo contrário ficou enraivecida com a convivência de Zeus, pai de Kore, com o rapto, e continuou a busca, mantendo-se firme na sua recusa de devolver a vida à terra. Disfarçada em uma mulher idosa e após uma longa peregrinação, Deméter foi parar na cidade de Elêusis, na corte real, onde após alguns contratempos revelou a sua condição divina, ensinou os segredos da agricultura e deu ao povo a dádiva dos grãos, aconselhando a construção de um templo em Sua homenagem, para que nele fossem celebrados os Seus Mistérios. Zeus acabou cedendo perante a dor de Deméter e as preces dos seres humanos e enviou Hermes para trazer Kore - agora transformada em Perséfone - de volta para a sua mãe; o encontro das duas deusas é o ponto alto do mito, chamado heuresis, assinalando o fim do sofrimento, o triunfo de Deméter em resgatar sua filha e a volta da abundância para a terra. Porém, antes dela partir, Hades deu-lhe (ou a obrigou) para comer algumas sementes de romã, considerada a “fruta dos mortos”, além de ser um símbolo da fertilidade, fato que selou a sua união e a obrigou a voltar anualmente para o mundo subterrâneo, lá passando um terço do ano como consorte de Hades e “Rainha dos Mortos”, os restantes dois terços acompanhando sua mãe no mundo superior, como deusas da vegetação.

O mito do rapto de Perséfone e do desespero de Deméter representa o esforço coletivo de uma antiga cultura para enfrentar, mitigar e transcender o medo e o dilema humanos ‘perante a inexorabilidade da morte. Porém, ao

mesmo tempo, ele descreve um evento histórico acontecido milhares de anos atrás, que ainda repercute na nossa existência até hoje. O rapto de Kore e o afastamento forçado da sua Mãe Divina retratam a usurpação e assimilação das religiões centradas no culto à Deusa do Sul da Europa antiga, pelas forças patriarcais invasoras, vindo do Norte e Leste europeu, trazendo consigo o poder da espada e os cultos dos deuses guerreiros. Deméter e Kore pertenciam às milenares tradições nativas matrifocais europeias, enquanto Zeus e Hades faziam parte da hierarquia patriarcal posterior às conquistas. Ao longo de alguns milênios a Nova Religião, com seus deuses dominantes e hierárquicos, se sobrepôs e depois assimilou mitos e símbolos da antiga tradição geocêntrica da Mãe Divina. Em vários mitos esta assimilação foi descrita e representada nas cenas de rapto, estupro, dominação e subordinação das deusas por deuses, que as transformaram em esposas ou amantes submissas ou filhas doces servindo aos seus propósitos. Desta maneira, o mito de Deméter e Perséfone pode ser interpretado como um drama descrevendo tensões e oposições históricas, religiosas, sociais e culturais, uma vívida demonstração dos conflitos de valores e conceitos entre o Masculino e o Feminino arquetípico.

O imaginário e a dinâmica deste mito podem ser interpretados por duas perspectivas opostas: pelo prisma da permanência milenar dos valores matriciais ou como a escalada e o triunfo do patriarcado invasor, estabelecendo uma nova ordem religiosa e social. O ângulo depende dos conceitos, necessidades e compensações psicológicas de quem o interpreta, enfatizando alguns elementos e omitindo outros.

Na visão matricular - que é mais fidedigna ao significado original - a ênfase está no poder transformador do Feminino, o ponto central sendo a relação positiva entre mãe e filha e excluindo o elemento masculino, que aparece de forma violenta e usurpadora rompendo este elo. A Deusa prevalece neste drama, como Mãe resgata a filha dos braços do invasor e do reino da morte; como Filha ela transforma o usurpador, absorvendo na sua matriz o elemento masculino, gestando, transformando sua energia e dando à luz o filho, com uma nova forma de ser e agir. Neste processo, a transformação de Kore em Perséfone e a presença de Hécate ao lado de Deméter, confirmam a supremacia das faces integradas da Deusa Triplíce como filha, mãe e anciã.

Na visão patriarcal o tema central é a ascensão do poder masculino, que se apropria de elementos e atributos da Deusa e rompe para sempre os elos matrifocais. Deméter é vista como uma figura negativa, neurótica e possessiva, enquanto Hades é o libertador da filha ingênua de uma dependência materna limitante, despertando-a sexualmente (o rapto visto como uma “iniciação”), tornando-a consorte e rainha e abrindo novos horizontes para a sua atuação. Assim que a deusa se torna mãe do filho do conquistador, termina a supremacia da Mãe e Filha e é preparado o caminho para o nascimento da Nova Religião, em que se honra por algum tempo a dupla divina Mãe e Filho, substituídos depois pelo domínio do Pai e Filho. Este enfoque explica o predomínio dos comentários e das teorias patriarcais modernos - históricos e psicológicos -, que muitas vezes distorcem ou omitem aspectos do mito original, para validar valores e conceitos que fortalecem as estruturas patriarcais.



O nosso mundo atual enfrenta tanto o medo da morte - no sentido literário ou psicológico - quanto as manifestações nefastas e destrutivas do poder patriarcal. A riqueza mítica e a relevância no nível psicológico e comportamental não se limitam apenas aos períodos ou culturas que lhes deram origem. Assim como Jung demonstrou nas suas obras, os antigos padrões míticos, os temas e os dramas, bem como os símbolos arquivados no



inconsciente coletivo aparecem e se manifestam nos sonhos, fantasias, criações artísticas, histórias das vidas e dos relacionamentos humanos contemporâneos. Mesmo que a sua origem e significados sejam ocultos ou enigmáticos para a nossa compreensão, eles podem ter um grande impacto emocional sobre nós. Este impacto é a marca sutil de um arquétipo, que atua no nosso campo astral e emocional, influenciando nosso comportamento e forma de agir ou reagir, mesmo que a nossa razão ou conhecimento intelectual não alcancem seu significado. Cada imagem ou padrão arquetípico pode se manifestar de forma

sutil (nos sonhos ou emoções) ou no nível racional (na dinâmica dos relacionamentos pessoais ou coletivos). Esta manifestação dualística é importante ao estudar o mito de Deméter e Perséfone, vendo a manifestação dos personagens envolvidos (Deméter, Kore, Perséfone, Hades) como sendo aspectos, personas ou sombras de uma mesma mulher; ou interpretar o drama no contexto de uma relação entre duas mulheres (mãe e filha, irmãs, parentes, amigas, parceiras, terapeuta e cliente, mestra e discípula).

No entanto, devemos levar em consideração a visão que os povos antigos tinham sobre os mitos, que eles viam como representações de uma realidade espiritual, compatível com as suas crenças e práticas religiosas, os deuses sendo figuras multifacetadas da dimensão espiritual. A deusa Deméter não era apenas uma simples mãe (de uma filha e dos grãos), mas uma deusa tríplice, contendo os aspectos de Chloe (a donzela da primavera) e de Chthonia (a anciã do mundo subterrâneo), todos associados ao ciclo da vida vegetativa. Os seus ensinamentos eram os dons que a própria Natureza dava aos homens: como plantar, colher, seguir os ciclos naturais e das estações. A vida física não era oposta ao espírito, as vicissitudes do corpo e da idade respeitadas como reflexos dos processos naturais. Aquilo que acontecia na Natureza também se passava na vida humana. O fim do ciclo de vida de uma planta era o paradigma da morte humana; a semente abrigada na terra escura germinava e brotava, podendo frutificar (assim como Perséfone se tornou mãe), depois definhava e apodrecia. Mas ao se tornar composto, ela enriquecia e revitalizava o solo e desta morte fértil nasciam novas sementes, que germinavam, floresciam e frutificavam, a vida contida no fruto sendo liberada na sua morte. Manifestava-se assim o poder da Anciã, que recicla, sem parar, a morte para reiniciar e continuar o permanente ciclo da vida.

Ver-se como parte da Natureza, aceitar a dependência humana das Suas forças, participar no eterno ciclo de transformação da vida em morte e novamente em vida, proporcionava aos povos antigos a vibrante e prometedora visão do destino humano. Os mortos eram “plantados” na terra e chamados de “povo de Deméter” (Demeteroi), ou cremados para acelerar a transformação, suas cinzas sendo entregues também à terra, para que a sua decomposição e fertilização do solo proporcionasse o desabrochar de uma nova vida. Na Natureza tudo é reciclado e modificado, nada permanece estático ou fixo, a única constante sendo a mudança que é a assinatura da continuidade. Não existe um processo linear, nem um começo ou um fim, nem a eternidade da vida ou da morte, por isso a transformação era a essência e a base das crenças espirituais pagãs.

Para compreendermos de fato a profundidade simbólica e a complexidade do mito grego de Deméter e Perséfone, devemos perceber e aceitar a riqueza e fluidez dos conceitos míticos e a sua atuação na nossa vida, procurando nos sintonizar com os ciclos naturais, aceitando as oposições, mudanças, contrariedades, conflitos e paradoxos que são inerentes à natureza humana.







## Contos de Loba

### Eu reconheço você

Havia muito tempo que loba não olhava os espelhos da alma. Absorvida pelas solicitações externas, seus olhos miravam o mundo. Perambulava no mundo. Não era ela, nem era o mundo. A lua era nova, mas era tão velha quanto o mundo. Loba sentou-se à beira do lago para admirar a lua, sua face oculta. Focou a imagem refletida pelo espelho d'água. O focinho longo, as orelhas eretas, os olhos castanhos. Os passos dados no mundo, as preces lançadas ao mundo. Loba olhou dentro daqueles olhos refletidos. Eu reconheço você. Eu conheço seus sonhos. Eu sei seu verdadeiro nome. E loba uivou e ouviu em resposta o seu próprio uivo. Eu reconheço você.

Tambores da terra tocavam... Preces lançadas ao mundo. A alcatéia irá se reunir. Há muitos filhotes novos, como também filhotes de estações passadas. A Loba Prateada retornará para semear mentes, mostrar o caminho, restabelecer os elos. A alcatéia rejubila com sua vinda. Loba ouviu o chamado, não havia nada no mundo que a impedia de ir, além de sua própria vontade. Há algum tempo loba estava distante da alcatéia. Coisas do mundo as separavam. No caminho encontrou Raio Brilhante. Tocaram focinhos, mordicaram orelhas, soltaram pequenos latidos como afinal fazem os lobos. Eu reconheço você. E foi assim com Loba-Branca, Crista-Vermelha, Passo-Largo, Escrita-Feliz, Luz-Dourada.

O grande círculo estava formado. A mestra em seu centro logo iria falar. Loba olhava de longe, a mestra sorria para seus filhotes quando esses se aproximavam. Trocavam palavras, tocavam focinhos. Não havia tempo, nem distâncias. Sempre estiveram ali, juntos na grande alcatéia. Loba

reprimiu o impulso de ir falar com a loba alfa. Pensamentos menores inundaram a sua mente e ela se entregou a eles. Afinal tantos anos haviam se passado. Os filhotes já não eram mais filhotes, eram lobos fortes e belos. Talentosos. Já, loba recomaçava a espiral de aprendizagem. Tinha sido sua escolha. Loba sabia disso. Toda escolha traz as suas conseqüências e o afastamento da alcatéia era uma delas. Bem, e às vezes, não tão bem assim, loba podia lidar com isso. Sacudiu a cabeça, deixando o tremor dominar o seu corpo, até atingir sua cauda. Uma boa sacudidela e os pensamentos voaram ao chão. Olhou para frente e ops, Loba Prateada estava a sua frente. "Você ficou com medo de falar comigo?" "Hum, hum" \_concordei incapaz de articular algo melhor. "Foi o que eu imaginei e me deu um caloroso abraço. Eu reconheço você. Não importa o quanto você perambule pelo mundo. O quanto o mundo te muda. Eu, a Deusa-Mãe, reconheço você."



A reunião começou e, então, Loba-Prateada falava do mundo antigo. Isis, Atarte, Diana, Hécate, Demeter, Kali, Inanna. Antigos nomes. Isis, Atenas, Istar, Morgana, Pele, Ix-Chel, Maria, Juno. Antigos cultos. Mostrava representações DELA nas mais distantes eras e lugares. ELA sempre esteve presente. Imagens após imagens mostravam templos antigos construídos para o culto à Deusa-Mãe. O mundo mudou. Cidades cresceram, mas os antigos templos permanecem nele. Não testemunhas de um tempo que passou, mas egrégoras eternas do Labirinto Sagrado. Anoitecia e lentamente a alcatéia foi rompendo o silêncio. Tambores da terra tocavam... Isis, Atarte, Diana, Hécate, Demeter, Kali, Inanna. Eu reconheço você.

Como gratidão,  
Irmã-Loba - Ana Cris

Espelhos, reflexos, sustos, medos...  
Qual a imagem que vejo?  
A imagem da minha vida?  
Me reconheço munida desta máscara  
que sustenta a farsa da vida, do dia a dia,  
oito horas a menos na minha alma  
vendida!  
Custa caro, muito caro o peso desta  
máscara,



custa o que não tem preço.  
Com que me pareço?  
Um ser espesso, um gesso, sem endereço,  
não me reconheço nesse tropesso,  
está tudo pelo avesso. E eu com isso?  
E eu com isso?! Sou isso eu?  
Cai a máscara e estou ali... Linda!  
Bela mulher!!!

Monica Rivera



## Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

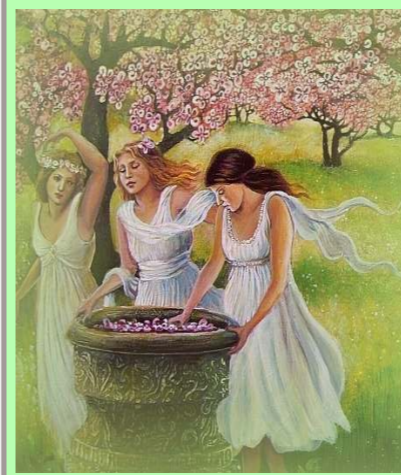
As tão ansiadas primeiras águas da primavera já desconfiaram, com certa ternura, do encantamento que brilhará em seu olhar, ao redescobrir a exuberância da criação nas plantas e bichos que fazem a alegoria deste grande jardim. Face à dor, seca e carência que se instalam no mundo de forma inclemente, é com zelo que faço brotar de Mim as chuvas que lavam a desarmonia, renovando a capacidade de cura e a vocação de fertilidade, tão próprias de tudo o que Eu criei.

Percebo como você se delicia com a Vida. Seu humor reflete a diversidade do colorido e o timbre da sua voz procura a afinação do canto dos pássaros. Irreverente, seu texto vai buscar a qualidade da estrela da manhã, experimentando palavras novas, abrindo espaço para uma nota de sensualidade. E um olhar mais atento pode perceber sua ousadia em gestos travessos, em movimentos de encontrar. Sim, filha amada, é também para o seu deleite, que generosamente a natureza se refaz e se supera, em abundância incondicional.

Entretanto, antevejo com alegria o momento em que você, conscientemente, identificará oportunidades e se permitirá florescer, frutificar, honrando o solo fértil de seu coração e de sua mente, deixando brotar as sementes que aí estiveram desde sempre. Mostre-me a sua capacidade de expressão e expansão de criatividade e sabedoria! Ancorada no Amor, permita-se abraçar atitudes transformadoras, libere o fogo de seu entusiasmo para moldar o barro dos projetos em construção, estabeleça laços, compartilhe sonhos, abrindo estradas para unir o Céu e a Terra.

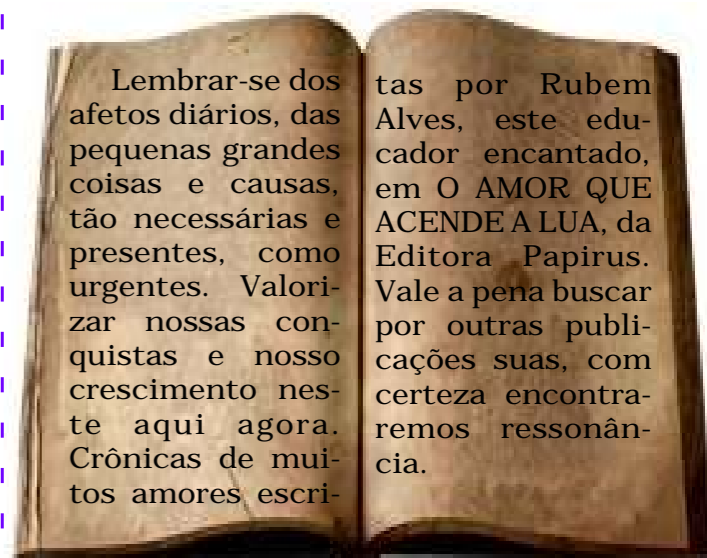
Sobretudo, não se deixe imobilizar pela dor da casca que se rompe, pelo ardor da faísca que se produz, e faça uso sagrado da semente que brota, do fogo que vem iluminar. Lembre-se, sobretudo, que florescer, frutificar, é honrar a Mim.

Com perfeito e torrencial amor,  
Aquele que é.



## Dicas da Clara

Clara Barreiro



### ATTITUDE SUSTENTÁVEL

Que tal reformar aquela roupa, dando-lhe uma nova cara? Customizar, atualizando o vocabulário. Vale mudar a cor, acrescentar bordados, aplicar crochê, tricô ou algo inspirado e espiralado. Botões, fitas, sianinhas, rendas. Vale uma visita a um armarinho, com certeza lembraremos de nosso lado criativo e ousado. Seja diferente! Faça a diferença!



### AGENDA 2010

- \*22 de outubro: Plenilúnio: Celebração da Deusa havaiana Pele
- \*31 de outubro: Samhain: Celebração das Ancestrais - apenas para mulheres
- \*21 de novembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa Celta Cailleach
- \*21 de dezembro: Plenilúnio e solstício: « A Noite da Mãe » - Celebração da Deusa nórdica Nerthus

Edição e Diagramação: Nane Silva  
Revisão: Lacy Silva e Adriana Jaccoud

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065  
Web: [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org) [teiadethea@teiadethea.org](mailto:teiadethea@teiadethea.org)  
[deusaviva@teiadethea.org](mailto:deusaviva@teiadethea.org)  
Bibliografia: «O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur  
Imagens da Internet;